

NAVEGANDO PELA MEMÓRIA: OS VAPORES NAS NARRATIVAS DOS RIBEIRINHOS DO SÃO FRANCISCO

Lineu Norio Kohatsu¹

Resumo

Os objetivos principais do estudo são conhecer e registrar em vídeo as histórias de vida de velhos ribeirinhos do São Francisco e compreender como as mudanças ambientais e culturais são vivenciadas por eles. Neste artigo são apresentadas entrevistas realizadas com nove participantes, sendo três mulheres e seis homens, com idades entre 63 e 96 anos, com diversas atividades laborais. As entrevistas foram gravadas no ano de 2008, nas cidades de Pirapora, Ponto Chique, São Francisco, Januária, Matias Cardoso, em Minas Gerais, e na cidade de Carinhanha, na Bahia. Os ribeirinhos recordaram dos tempos em que o velho Chico era navegado pelos barcos a vapor, mas que aos poucos foram sendo desativados em virtude das más condições de navegabilidade do rio. Ao final, são apresentadas também algumas considerações sobre o uso do vídeo em pesquisa.

Palavras-chave: Rio São Francisco. Histórias de vida. Idosos. Barcos a vapor. Benjamim Guimarães. Vídeo.

Abstract

The main aims of the study are to know and record on video the life stories of old riverside residents of the São Francisco's inhabitants and understand how environmental and cultural changes are experienced by them. This article presents interviews carried out with nine participants, three women and six men, aged between 63 and 96 years, and different jobs. The interviews were recorded in 2008, in Pirapora, Ponto Chique, São Francisco, Januária, Matias Cardoso, in Minas Gerais, and in Carinhanha, in Bahia. The riverside people remembered the times when old Chico was navigated by steamboats, but which were gradually being deactivated due to the bad navigability conditions of the river. Finally, some considerations on the use of video in research are presented.

Keywords: São Francisco River. Life history. Elderly. Steamboats. Benjamim Guimarães. Video.

¹ Professor Doutor do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia da USP. E-mail: lineu@usp.br

À Dona Pidu, guardiã da Festa do Divino;
ao Sr. Cassiano, comandante do Benjamim Guimarães, o último vapor;
ao fotógrafo e militante João Zinclar,
In Memoriam

Introdução

O Velho Chico, como é chamado afetuosamente o rio São Francisco, pode ser considerado o mais brasileiro dos grandes rios, pois sua bacia hidrográfica está situada inteiramente no território nacional.

A nascente está localizada na Serra da Canastra, guardada simbolicamente pela estátua de São Francisco de Assis. Após se precipitar de uma altura de 186 metros da cachoeira da Casca D'Anta, as águas do Velho Chico percorrem cerca de 2.800 km, atravessam cinco estados (MG, BA, PE, SE e AL), passam por 521 municípios² e diversas paisagens ao longo das quatro regiões (Alto, Médio, Submédio e Baixo) que compõem a bacia hidrográfica do São Francisco.

Há alguns anos o rio São Francisco ganhou destaque devido aos protestos contra o projeto de transposição do rio na região do semi-árido nordestino (GONÇALVES, 2008), motivo pelo qual o bispo Dom Frei Luís Flávio Cappio fez greve de fome nos anos de 2005 e 2007 (ZINCLAR, 2010).

A construção de barragens, como a de Sobradinho, na Bahia, também gerou consequências negativas à população local (COELHO, 2005), obrigando a remoção forçada de inúmeras famílias que foram reassentadas em agrovilas (RIBEIRO Jr., 2020)³ a centenas de quilômetros distante dos locais de origem.

O desenvolvimento da infraestrutura, com a chegada da eletricidade e a expansão das rodovias, inegavelmente proporcionou melhoria na qualidade de vida nas localidades, mas provocou também a destruição do meio ambiente.

Há décadas um conjunto de problemas vem afetando o rio como a devastação das matas ciliares, o desaparecimento de seus afluentes, a erosão das margens, a poluição das águas, o assoreamento do leito em várias partes (DANTAS; SOLARI et alii, 1972), comprometendo a

² <http://www.brasil.gov.br/conversaodemultas/sao-francisco.html>.

³ Reportagem sobre o documentário “Terra Roubada” (*Geraubt Erde* - título original em alemão), de Peter von Gunten (1980), que aborda as histórias das famílias afetadas pela construção da Usina Hidrelétrica de Sobradinho. Disponível em: <https://canoadetolda.org.br/sobradinho/2020/09/11/terra-roubada/>.

navegabilidade das embarcações maiores, como os barcos a vapor, afetando a vida das populações ribeirinhas, das comunidades indígenas e quilombolas, que dependem do rio para a pesca e para as lavouras de subsistência. Com a baixa das águas em alguns períodos de seca (LETRAS AMBIENTAIS, 2021)⁴, torna-se possível atravessar o rio de uma margem a outra a pé, conforme relatam os ribeirinhos.



Fonte: arquivo do pesquisador
FOTO 1

Cais de Paratinga-BA no período de seca. Foto: Lineu Kohatsu. Dezembro de 2015.

O progresso provocou também mudanças nos modos de vida, nas tradições culturais, religiosas e nas crenças das comunidades. No imaginário popular, as águas caudalosas do rio São Francisco eram habitadas por seres sobrenaturais como a Mãe D'Água, o Caboclo d'Água e as carrancas assustadoras nas proas das embarcações serviam para espantar os maus espíritos. Esse mundo encantado, místico e maravilhoso existente no passado, aos poucos desaparece na medida

⁴ A matéria “Seca se expandiu pela bacia do São Francisco nas últimas décadas” discute os dados do artigo “*Drought Assessment in the São Francisco River Basin Using Satellite-Based and Ground-Based Indices*” publicado por Paredes-Trejo e outros (2021). O artigo pode ser acessado pelo site: <https://lapismet.com.br/wp-content/uploads/2021/10/remotesensing-13-03921.pdf>.

em que o rio vai ficando assoreado, raso e seco, perdendo a vitalidade e deixando de ser navegado pelos remeiros, barqueiros e, na imaginação, pelos contadores de histórias.

O tempo lento da navegação, que permitia a contemplação do fluir das águas do velho Chico e a atenção aos contadores de histórias, vem sendo substituído pelo tempo veloz dos automóveis, caminhões e ônibus que trafegam pelas rodovias. O mundo modernizado pede pressa, mas o progresso carrega consigo contradições. Se, por um lado, o desenvolvimento técnico produz riqueza material para consumo imediato, por outro, segundo Walter Benjamin (1994/1933), torna as pessoas mais pobres em experiência (*Erfahrung*). Consequentemente, com o declínio da experiência, a arte de narrar e os narradores tendem a se extinguir, alerta Benjamin (1994/1936, p. 196), pois a experiência passada de pessoa a pessoa é a fonte a que todos os narradores recorrem.

O marinheiro e o camponês foram considerados os primeiros mestres da arte de narrar. O primeiro, por ser um viajante e por ter histórias a contar, o segundo, embora sedentário, conhece as histórias e tradições de sua terra. Isso explica porque existem ou existiam talentosos contadores de histórias entre os ribeirinhos do velho Chico, ora porque os viajantes navegavam em suas águas ouvindo e contando histórias ou porque os camponeses guardavam em suas memórias as tradições que eram passadas oralmente de geração a geração.

Os narradores e a arte de narrar estão desaparecendo porque as experiências tornaram-se mais empobrecidas e também porque, com a pressa exigida nos tempos modernos, os ouvintes ficaram mais impacientes e menos dispostos a escutar histórias. “Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio” (BENJAMIN, 1994/1936, p. 203). Com o progresso, as notícias chegam instantaneamente pelo rádio, pela televisão, pelos computadores e cada vez mais pelos celulares, mantendo as pessoas conectadas o tempo todo com o mundo remoto e desconectadas de si mesmas e dos outros, dispersas no oceano virtual de informações que vêm e vão com a mesma rapidez, sendo imediatamente esquecidas e descartadas.

As informações veiculadas pelos meios de comunicação são de natureza distinta das histórias contadas pelos narradores. As notícias se resumem em fatos detalhadamente explicados, transparentes como o vidro frio, duro e liso, em cuja superfície nada se fixa, nada deixa rastros, vestígios ou histórias. “As coisas de vidro não têm aura. O vidro é em geral o inimigo do mistério”

(BENJAMIN, 1994/1933, p. 117). As histórias dos narradores navegam pela dimensão do extraordinário, do miraculoso e incitam a imaginação dos ouvintes na medida em que provocam a dúvida, prorrogando os desfechos ao longo do tempo e a permanência na memória. Se o tempo da informação está para o tempo industrial, da produção em série, o tempo da narrativa equivale ao

tempo do artesão, que manualmente vai moldando, tecendo, forjando a sua história e imprimindo nela sua marca.

O progresso técnico gera as condições que levam ao declínio da experiência e das narrativas, mas, paradoxalmente, proporciona os meios para o registro do que está em vias de desaparecimento.

A pesquisa

Os objetivos principais do estudo são conhecer e registrar em vídeo as histórias de vida de velhos ribeirinhos do São Francisco e compreender como as mudanças ambientais e culturais são vivenciadas por eles.

A primeira entrevista foi realizada em 2008, na Serra da Canastra, com um senhor que foi garimpeiro na região. No mesmo ano, foram gravadas entrevistas nas cidades de Pirapora, Ponto Chique, São Francisco, Januária, Matias Cardoso, em Minas Gerais, e na cidade de Carinhanha, na Bahia. Posteriormente, as viagens ocorreram com frequências irregulares a outras localidades ao longo do rio, como o quilombo Mangal e Barro Vermelho (BA), com o propósito de realizar registros fotográficos e em vídeo das festividades, como a Marujada, na Festa de São Sebastião, e também algumas entrevistas. A última localidade visitada foi Barra (BA), onde foi realizado um ensaio fotográfico⁵ sobre o rio São Francisco.

Os principais critérios para a escolha dos entrevistados foram a idade e o tempo de vivência na região, além da disponibilidade e autorização para concessão da entrevista gravada.

A busca dos colaboradores foi feita pela rede social *Orkut* e, com as indicações dos membros das comunidades da referida rede, foram contatados previamente por telefone. No entanto, algumas pessoas foram entrevistadas após serem indicadas pelos moradores das localidades, na ocasião da viagem.

Antes de iniciar as entrevistas, o pesquisador explicitou os objetivos do estudo e solicitou o consentimento para a gravação dos depoimentos em vídeo. Os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em que consta também a concessão para o uso de imagem para a produção do vídeo documentário. As entrevistas foram gravadas nos domicílios dos

⁵ O ensaio foi publicado na revista Caros Amigos, n. 162, em 2010. Disponível em: https://issuu.com/carosamigos/docs/pdfs_ca_162leitores

participantes e tiveram duração aproximada de 50 minutos. Posteriormente, as gravações em *DVD* foram enviadas aos entrevistados pelo correio.

Neste artigo serão apresentados os relatos de nove pessoas, sendo três mulheres e seis homens, com idades entre 63 e 93 anos, moradores de diferentes localidades, com diversas ocupações laborais, diferentes experiências e histórias de vida. Tal diversidade e o uso de um roteiro aberto, no qual foi solicitado ao entrevistado que contasse livremente sobre sua história de vida na região, tornou-se um desafio no momento da escrita do trabalho, visto que seria necessário encontrar elementos comuns nos relatos. Como as entrevistas foram gravadas em vídeo com a finalidade de se produzir um vídeo documentário, o mesmo desafio ocorreu no momento da edição. Como apresentar as entrevistas de modo a não ser apenas uma sequência de depoimentos isolados e o vídeo não se tornar somente uma colcha de retalhos? Ao rever as entrevistas em vídeo, foi possível notar a menção aos vapores como elemento recorrente nas lembranças dos ribeirinhos. Foi, então, com esse elo em comum e outros a ele associados que se construiu a linha narrativa do vídeo e, posteriormente, a escrita do trabalho. Pode-se notar como vozes, timbres, tons, experiências e histórias diferentes, a partir de diferentes perspectivas, formavam um conjunto polifônico⁶ que contava a história dos vapores do rio São Francisco.

Os depoimentos apresentados a seguir foram organizados nos sub-temas: as cidades, os carros de boi e os vapores; a história dos vapores e as viagens; as brincadeiras da infância, as lendas e as tradições; o progresso e a degradação do rio.

No processo de transcrição das narrativas, optou-se por manter as características da oralidade em virtude da presença de traços regionais típicos na fala de alguns entrevistados.

As cidades, os carros de boi e os vapores

Mestre Minervino, como é conhecido na região, nasceu em Angical, situado no município de São Francisco (MG), em 1928. Foi carpinteiro, ofício aprendido com o pai, e artesão de rabeca e viola. Era músico e tocava nos bailes. Sua carpintaria ficava em um galpão anexo à casa, situada na zona rural. Recordou do tempo em que era menino e ia para a cidade em carro de boi:

[...] eu ia mais o pai lá demais de carro de boi. [...] E carro de boi entrava de cá e saía lá fora, lá dentro. As casas eram poucas e não tinha negócio de trânsito

⁶ O termo aqui é usado no sentido comum, como referente ao conjunto formado por diversas vozes, sem a preocupação em manter o rigor conceitual elaborado por Bakhtin em sua análise dos romances de Dostoiévski. Em alguns trabalhos pode-se ver a discussão sobre o conceito de polifonia em Bakhtin (RECHDAN, 2003; MACIEL, 2016; PIRES, KNOLL, CABRAL, 2016).

para Montes Claros, não tinha carro, não. Lembro, não tinha caminhão, não. Era tudo no vapor, o vapor encostava lá no porto, tudo era construído tudo lá, o vapor ponhava tudo dentro. [...]Uai, nós ia levar carro de mamona, carro de algodão, o milho, o feijão, o capado, botava no carro aqui, três, quatro capado morto no carro que era pra vender lá no porto. Porque tinha um mercado nesse tempo que tudo era vendido no mercado, era um casão assim, entrou ali dentro, ia chegando com as mercadoria, pondo ali, tudo ali dentro daquele mercado, construía ali pro porto do rio. [Sobre a duração da viagem] De carro de boi era um dia, era quase um dia. Saía cedo daqui, hora dessa ainda não tinha, não tava chegando lá. Dormia e voltava no outro dia. A estrada velha de carro de boi passava mesmo ali pra lá nessa saída que entra pra cá, ali naquela cancela. Ali era estrada velha de carro de boi que passava, que ia pra São Francisco, que tinha cavalo e tudo. Era assim... (Mestre Minervino).

Dona Conceição nasceu em Brejo do Amparo, distrito do município de Januária (MG), em 1945, e seguiu a ocupação do pai como zeladora da Igreja do Rosário. É uma das igrejas mais antigas de Minas Gerais, com inscrição de 1688, e tombada como patrimônio cultural estadual em 1989⁷.

Dona Conceição contou que Januária foi fundada pelo português Manuel Pires Maciel Parente, mas naquele tempo era chamada de Porto do Salgado:

Antigamente a cidade chamava Porto do Salgado – Januária chamava Porto do Salgado. Aí depois foi Januária por causa que diz que tinha uma velhinha que chamava Januária, que morava na beira do São Francisco, que cuidava dos barqueiros, que vinha naqueles barco menor, tinha uns que chegava doente, ela cuidava, fazia eles alimentar ali com ela. Aí colocaram o nome de Januária. E Januária está até agora. (Dona Conceição).

Recordou que não havia estrada, só trilha, e a cidade ficava na beira do rio porque tudo vinha pelo vapor:

As pessoas que tinham comércio, que iam comprar, a hora que chegavam os vapor e ia todo mundo, iam comprar, faziam as compras. Depois tinham as carroças, naquele tempo nem caminhão quase não tinha, era mais carroça e ia carregando as mercadorias para os armazéns. (Dona Conceição).

Sr. Emílio nasceu em Montalvania (MG), em 1944. Lembrou que quando era menino vinha para Januária em lombo de burro para estudar o primário. Naquele tempo, Januária era a cidade promissora da região:

Os fazendeiros vinham buscar sal aqui no porto, no Porto Salgado que era Januária, que antigamente chamava-se Porto Salgado. E quem trazia esse sal, vinha e subia pelo rio São Francisco, eram trazidas pelas balsas e pelos vapores.

⁷ <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-aco-es/patrimonio-cultural-prottegido/bens-tombados/details/1/35/bens-tombados-igreja-de-nossa-senhora-do-ros%C3%A1rio>.

Então, era uma cidade pólo, onde o pessoal de Goiás [...], eles vinham, traziam o couro e levavam o sal. Isso era nos anos 40, anos 50. (Sr. Emílio).

Sr. Emílio conta que em 1976 mudou-se para Ariquemes, época em que Rondônia ainda era território federal. Lá havia um projeto de assentamento na Amazônia promovido pelo regime militar e que, então, foi possível comprar terra com financiamento desde que permanecesse durante dez anos, conforme estabelecia o contrato com o governo federal. Nesse ínterim, contraiu malária duas vezes, motivo pelo qual decidiu retornar para Minas Gerais após o fim do período estabelecido pelo contrato. No retorno para Januária, com o capital da fazenda, comprou um prédio que admirava desde os tempos de infância:

Olhava para este sobradinho aqui e era a coisa mais linda, parecia um castelo de fadas – esta é a expressão! Olhava para este castelinho e ficava admirado – que coisa linda, meu deus! Mas nunca passou pela minha cabeça que eu poderia ser dono dele. E o tempo passou e quando eu retorno à Januária este castelinho estava à venda eu tinha o dinheiro e comprei porque era uma visão de criança que parecia impossível. Comprei o predinho, fiz umas transformações para o dia de hoje e está aí este castelo. (Sr. Emílio).

O castelo, como chamado pelo Sr. Emílio, foi transformado em um hotel.

Professor Honorato nasceu em Carinhanha, Bahia, em 1934. Na sala de sua casa, recordou como era a cidade:

A cidade era sem calçamento, sem luz, era iluminada por lampião de gás, existiam os lampiões de gás, lumiavam a noite todinha. E as coisas não vinham de fora porque aqui tinha o feijão, tinha o arroz - tinha a usina de beneficiar arroz, o milho, o fubá de milho – tudo tinha aqui: o feijão, o arroz, a rapadura, o açúcar de forma que hoje fala que é o açúcar... Como que dá o nome? Que não é esse refinado? Mascavo! Nós tínhamos aqui, eram sacos e mais sacos e as tropas que traziam. Sabe o que é tropa? Tropa é um bocado de burro, trezentos, quatrocentos burros trazendo do município e vendendo para o povo aí: toicinho, jabá. Elas vinham, tinha um mercado municipal que recebia elas. Tinha os mourão que ficava lá amarrado e eles tiravam a mercadoria. E aqui eles compravam fazenda, comprava as coisas que não tinha na zona rural e levava as coisas daqui pra lá. Aqui tinha as usinas de algodão, aqueles fardos enormes que os vapores levavam para as fábricas para fazer o tecido. Aqui foi o rei do algodão, a cidade. E tinha duas filarmônicas muito boas, dois clubes muito bons. Eu não troco a Carinhanha de ontem pela de hoje. (Prof. Honorato).

Contou que estudou pouco porque trabalhou desde criança:

[...] naquele tempo eu trabalhava de carpinteiro e padeiro, fiquei com aquele bico, trabalhando de padeiro num dia, num mês, no outro dia eu estava na carpintaria, não fixava para assinar carteira, ficava dois meses, três meses e tiravam a gente e você ia para outro canto. Sofri demais. (Prof. Honorato).

Já adulto voltou a estudar, fazendo cursos à distância. Autodidata, tornou-se professor, músico, compositor e como escritor teve livros publicados.

E alguns entrevistados, como o Sr. Américo, lembraram que naquela época não existiam as estradas e havia poucos carros:

Não tinha estrada de ônibus, não tinha carro, não, ninguém conhecia carro, não. O primeiro carro que entrou aqui na cidade, cidade não, Ponto Chique, o primeiro carro foi um tal de Sedan, um carro desse tipo assim. Ele era mais folgado. Chamava Sedan. (Sr. Américo).

Em Januária também havia somente carros importados, conforme contou o Sr. Emílio:

[...] não tinha carro naquele tempo. Januária naquele tempo tinha quatro automóveis importados. Mas quem poderia ter esses automóveis eram os empresários da época, que eram quatro só que existiu. Quatro automóveis 29, aquelas fubicas 29, aquelas peruas 29, sabe, pretinhas, eu conheci. Foi o primeiro carro que eu conheci, foram aqueles carrinhos, aqueles automóveis. (Sr. Emílio).

Mestre Minervino explicou que naquela época não existiam caminhões porque o transporte era feito pelo rio.

Era tudo no vapor, o vapor encostava lá no porto, tudo era construído tudo lá, o vapor pnhava tudo dentro. Depois é que inventou abrir estrada de rodagem aqui pra vim de Montes Claros pra vim aí, muitos caminhão velho que tinha. Não lembro mais nem como é que era, eles eram só de quatro roda, quatro pneu. Aquilo quando chegava o povo arrancava tudo pra ver, outros corriam até com medo, como é que um trem daquele andava sem não ter nada puxando ele, aquiloera uma confusão. (Mestre Minervino).

As cidades eram como centros de comércio da região, para onde convergiam as tropas que se dirigiam aos mercados de São Francisco, Januária e Carinhanha. E se as mercadorias chegavam com as tropas, deveriam seguir viagem para outras regiões retornando com elas ou pelos vapores. Muitos ainda guardam na memória uma imagem bonita dos vapores figurando na paisagem do velho Chico.



Fonte: Arquivo do pesquisador

FOTO 2

Barco Benjamim Guimarães. Foto: Lineu Kohatsu, 2010.



Fonte: Arquivo do pesquisador

FOTO 3

Barco Benjamim Guimarães. Foto: Lineu Kohatsu, 2010.



Fonte: Arquivo do pesquisador
FOTO 4

Barco Benjamim Guimarães. Foto: Lineu Kohatsu, 2010.

As histórias dos vapores e as viagens

Sr. Cassiano nasceu em Cachoeira, Bahia, em 1929. Começou a navegar com dezoito anos, em 1946, como marinheiro. Entre 1948 e 1949 fez o curso para aprendiz de prático, depois de três anos fez o curso para prático e depois para piloto de embarcações. Desde 2004 é o comandante do Benjamim Guimarães, “o último atualmente a vapor, caldeira, lenha e roda a popamundialmente”. Na entrevista gravada na embarcação, o comandante ministrou uma aula de história sobre a navegação no São Francisco:

Eram três companhias de navegação no rio São Francisco: Navegação Mineira do São Francisco que pertencia ao Estado de Minas, a qual eu era lotado; Navegação Baiana do São Francisco pertencia ao Estado da Bahia; Companhia Indústria e Viação Pirapora era uma empresa privada. Em 1963⁸ veio a junção das três e passou a ser administrada através da União pelo Ministério do Transporte. E eu naveguei em quase todas as embarcações pertencentes a Companhia de Navegação do São Francisco. Eram trinta e tantos vapores e oito empurradores; os empurradores a partir de 1965 – naveguei em todos eles. Em

⁸ As datas apresentadas em seu depoimento não foram conferidas com outros documentos.

17 de julho de 1967 fui promovido, nomeado através do almirante Aristides Pereira Campos, que era o diretor da Companhia de Navegação, fui nomeado a capitão fluvial, que é o comandante da embarcação. No decorrer desses anos, comandi várias embarcações, aposentei e depois de aposentado trabalhei mais dez anos na Companhia de Navegação do São Francisco. Em 1960 me afastei e pedi para ser liberado e fiquei quatorze anos, graças a Deus, gozando da minha aposentadoria. Em 2004 fui convidado pelo prefeito Leônidas para reinauguração do Benjamim Guimarães. [...]E esse aqui, afinal de contas, atualmente só existe o Benjamim Guimarães e este, graças a Deus, eu tenho a honra de estar comandando a partir de 2004, quando foi reinaugurado. [...] E com isso eu permaneço até hoje, já quis afastar, pus o cargo à disposição, mas eles acham que, apesar da idade, acham que eu devo continuar e eu continuo aqui juntamente com vocês e todo pessoal procedente do país inteiro e muitas vezes até do exterior. (Sr. Cassiano).

Dona Pidu nasceu em 1912, em Matias Cardoso, Minas Gerais, e lá viveu, trabalhou como agricultora e constituiu sua família. No quintal de sua casa, apesar do alto volume da música que vinha do vizinho, Dona Pidu não perdeu o humor e a disposição para recordar e contar dos tempos dos vapores com uma lucidez admirável:

Eu demais alcancei os vapor pequeninha, grande, tudo eu alcancei esses vapor. (...) Tinha Saldanha, Marinha, tinha Matta-Machado, depois Wenceslau, chamava Wenceslau Brás, depois apareceu o Benjamim e foi aumentando os vapor. Agora os vapor pequeno era um bando, tinha... esse que eu falei o nome agora, que entrou no sangrador. Eles eram uns três vapor pequeno. E então, quando foi de 26 pra cá, foi aumentando os grandes, né. E os vapor grande tinha Benjamim, Luis Viana, tinha o Engenheiro Álvares, que era o maior que tinha, de três praça, e esse quando ele vinha a gente dizia assim: “lá vem o Álvares”. Eles vinham pegando lenha lá de cima da Itapera pra cá, tudo tinha porto de lenha. Eles paravam para pegar lenha, enchia ele. Quando era de noite, que eles encostavam aqui, êta, era bonito, moço. A minha madrinha Joaninha chamava nós, pra ver se nós vinha da roça...

Esse Engenheiro... Melo Viana! Tinha um apito assim, o povo dizia, o apito dele, como é, é de marca sanfona. Era tudo bonito! E a gente ia olhar, chegava lá, tudo iluminado. (...) E aí, agora na hora dele sair, ele dava um apito. O povo saía na rua e ele buzina. Ele dava um apito, daí a pouco ele buzina. Quando ele tornava a buzinar, o marinheiro já estava tirando a prancha. Porque ele era amarrado, tinha um mourão amarrado. Agora, na hora que tirava a prancha, aí a máquina começava “tequi, tequi, tequi, tequi” (faz movimento de rodar com as mãos). Quando o rio estava cheio, eles passavam embarreirado. Na descida, ele descia pelo meio do rio. E na subida, ele subia embarreirado. Ele subia embarreirado e a mareta da roda vinha lavando assim “va, va, va, va”, lavando assim, de fora a fora. Lavava assim, na praia daqueles barranco. Se a gente estava lavando roupa, se tivesse lavando uma roupinha assim, tinha que sair. Tudo que tinha ali, eles carregavam na mareta do vapor. (Dona Pidu).

Curiosamente, Dona Pidu contou que nunca viajou nos vapores: “Andar, eu não andei, não.” No entanto, aos risos, disse que certa vez quase partiu no vapor por mera distração. Havia

embarcado no vapor com o finado Bernabé, que levou mercadorias para uma amiga. Ficaram conversando:

Conversando, conversando e daqui um pouco o vapor “ti-ta-ti-ta-ti” e nós estava no tererê, tererê, tererê e o vapor tornando a apitar e nós estava no tererê, tererê, tererê. Aí o finado Bernabé falou: “Dona Pidu, vambora senão nós vamos descer pra Manga!” (risos). Aí, quando tornou a dar o derradeiro apito que nós dois saindo, o marinheiro já ia tirando a prancha. [...] Aí e agora nós saímos e ela ainda ficou batendo mão pra nós e nós batendo a mão pra ela (acena com a mão). Mas nunca deu pra viajar, não. (Dona Pidu).

Dona Conceição também se lembrou do apito dos vapores:

Era bonito, menino, quando chegavam esses vapores, daqui a gente escutava o apito do vapor, era muito bonito! Eu ia sempre lá quando chegava, eu ia na cidade, os vapores chegavam de nove horas em diante. Chegava, era movimento, era muito bonito. (Dona Conceição).

E lembrou: “*Eu andei, assim, eu era pequena, foi quando meu pai foi para São Paulo, até que eu tinha esquecido. Meu pai foi para São Paulo e ia de vapor até Pirapora, aí eu fui. Eu tinha nove meses naquela época. Quando eu voltei, eu tinha cinco anos.*” (Dona Conceição).

Sr. Américo, nascido em Paracatu e morador de Ponto Chique, Minas Gerais, foi pescador e agricultor, e compartilhou as suas lembranças do vapor:

Andei, andei no vapor. O senhor conhece ele? (faz movimento rodando as mãos, imitando a roda – tó-tó-tó-tó). (...) Muitos de nós iam para Pirapora, pegava aí no porto, encostava aí, mas não tinha rua, não, é dentro do mato aí, ó. Não tinha estrada, fazia de foice, enxada. Descia numa barranca e sungava e ia lá pro rio. (...) O vapor encostava aí e pegava quem tivesse necessidade de ir, doente. Meu pai foi, minha mãe foi, um irmão foi, eu fui. (Sr. Américo).

Sr. Emílio também se recordou da vez em que viajou no vapor, quando era criança:

Ah, vapor, eu fui de Januária para Lapa de Bom Jesus – meu pai por ser católico fez uma promessa naquela época e nós pequeninos, nós fomos nesse vapor e eu peguei essa carona até Bom Jesus da Lapa, cumprindo a promessa de meu pai. Eu era pequeno, tinha nove para dez anos de idade. Mas a beleza do São Francisco naquele tempo, muito peixe, muito pato selvagem, o biguá, aquele mergulhão. Então o vapor estava andando, aquilo mergulhava e eu achava muitolindo. Eu registrei aquela beleza na minha infância que até hoje, com sessenta e quatro anos, não me esqueço dos biguás que mergulhavam do lado do vapor. [...] Eu vi a Lapa, a gruta do Bom Jesus, a romaria naquela época. E como menino o que mais curti foram os vapores, e mais do que lindo o rio sempre cheio, sempre transitável, não tinha problema de encalhamento porque naquele tempo não tinham as represas para barrar o rio e fazer com que não fluísse normalmente. (Sr. Emílio).

Os vapores serviam como meio de transporte usual, visto que os deslocamentos não eram feitos por rodovias, conforme relatou o comandante Cassiano:

A gente fazia a escala de Pirapora, de todas as cidades, atracando e desatracando, descendo carga e passageiros, abastecendo de lenha diariamente. A única via de acesso, ou seja, de transporte no São Francisco, aqui, uns anos atrás, era exclusivamente os vapores e empurradores; então, quer queira, quer não, teria que passar pelo São Francisco, um destino muitas vezes procedente de Juazeiro e várias outras cidades intermediárias até Pirapora e daqui deslocar para Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. E muitos ficariam por aqui. (Sr. Cassiano).

Dona Lourdes lembrou: “*Vinha gente parece que era do Ceará, que ia embora para São Paulo – como é, retirante? Tinha muito retirante que saía de Juazeiro. Aí era rede, era muita criança, era velho, era jovem e tudo que iam para São Paulo.*”

Professor Honorato também recordou dos nordestinos que viajavam nos vapores para irem ao Sudeste:

Subia com os nortistas para o sul e o sudeste e aí tinha aquele comércio das crianças, iam levar banana, laranja, biscoito abrevitado, com beiju de lenço, iam para o porto e vendiam. Todo mundo ganhava dinheiro. O vapor era cheio, passavam duzentas pessoas dentro do vapor e aí vinham passear na cidade, comprar, fazer negócio – era como um turismo. (Prof. Honorato).

Ele mesmo viajou nos vapores indo de Carinhanha, na Bahia, para Pirapora, Manga, Januária, em Minas, e também para a Lapa, como chamam Bom Jesus da Lapa, onde fica a famosa igreja no interior da gruta:

Certa vez, eu peguei o Wenceslau daqui para Bom Jesus da Lapa e lá iam dois jornalistas de São Paulo. E aí começamos a bater papo, perguntaram de onde eu era; eu ia com o violão e falei que era compositor e eles me pediram para eu fazer alguma coisa sobre o rio. Aí eu pedi a eles um papel e uma caneta e comecei. Fiz a poesia e depois fiz uma pautazinha, botei a música e cantei para eles. (Prof. Honorato).



Fonte: Arquivo do pesquisador
FOTO 5

Santuário de Bom Jesus da Lapa. Foto: Lineu Kohatsu, 2010.

O professor Honorato recordou que as viagens eram longas, durante o dia os passageiros jogavam baralho para passar o tempo, os copeiros serviam almoço e à noite dormiam em camarotes com beliches. Na ocasião em que foi a Belo Horizonte tentar carreira de cantor de rádio, também viajou no vapor:

Quando fui para Belo Horizonte, tentar o rádio, como te falei, eu fui no vapor, para Pirapora. Em Pirapora, peguei um trem e fui para Belo Horizonte. Hoje tudo é ônibus. Eu fui tentar a carreira artística como cantor. Aí cheguei a cantar umas quatro vezes na rádio Guarani, mas não deu muito certo, não. Eu voltei. (Prof. Honorato).

A viagem mais longa a vapor certamente foi de Dona Lourdes, escultora de carranca, que sonhava em ser cantora de rádio. Nasceu em Serrinha, na Bahia, em 1938. Certa vez, em uma viagem no período da ditadura militar, foi abordada por um agente.

Eu era cantora da rádio Excelsior da Bahia, Salvador, e nos comícios de Dr. Valdir Pires eu cantava nos comícios (...). Quando foi em 64, no final de 64, eu tive que fugir. (...) Antes de chegar em Xique-xique, eu fui abordada por um senhor que disse que eu ia com ele. E aí eu tive que falar com o comandante. Eu estava chorando muito e o comandante me protegeu e antes de chegar em Xique-xique, os marinheiros botaram ele para fora (...) Todo mundo na época sabia que esse homem estava me perseguindo, mas claro que eu não contava o motivo. E daqui eu fiquei viajando, eu não podia mais ficar em terra. Aí eu fui com Barroso, para onde ele ia. Os vapores que ele viajava, os vapores de turismo, eram vapores bem pequenos que entravam no córrego de Santa Maria, no córrego de Correntina. (Dona Lourdes).

Dona Lourdes recordou que no final de 1965, indo para Santa Maria da Vitória, no vapor Antônio Nascimento, conheceu Francisco Bicuiba, o escultor de carranca conhecido como Guarani Barroso, o capitão da embarcação com quem se casou, comprou as ferramentas e ela começou a entalhar as carrancas.

E, assim, eu fui fazendo as carrancas. E até hoje eu faço. As minhas carrancas são diferentes. É uma mistura do homem e do animal.(...) Eu ficava no vapor comele, me casei com ele, aí fui feliz (sorri). Tem onze anos que ele faleceu, com 85 anos. Era uma pessoa maravilhosa, era um amigo, um companheiro, um marido maravilhoso. (pausa). Barroso... (Dona Lourdes).

Naquele tempo... As brincadeiras da infância, as lendas e as tradições

Professor Honorato se lembrou de como eram as brincadeiras naqueles tempos dos vapores:

Então tinham aqueles brincadeiras: bacondê, chicotinho queimado, brincar de lampião! Os meninos faziam grupo de lampião e grupo de soldado. Então brigavam na rua com espada e tudo, pá e pá! Então brincavam de lampião, a gente brincava muito, a lua clara, era uma maravilha. (Prof. Honorato).

Dona Conceição recordou que brincavam de roda, de esconder, de queimada e quando os pais iam para a igreja rezar, as crianças brincavam de rezar também. E como não existia televisão naquela época, as crianças se divertiam com as histórias contadas por seu pai:

Naquele tempo não tinha televisão, não tinha rádio, ele ia contar história para nós. Aí ele chegava cansado, coitado, de noite, puxava enxada o dia todo, na hora que ele chegava tomava banho, jantava, aí ele ia recostar lá na cama nósia tudo em volta dele e pedia para contar história. As histórias que ele contava, ele dramatizava aquelas histórias. Menino, por isso que nós somos assim tudo tagarela, porque ele era, ele era bem tagarela. E ele contava história, se fosse chorar ele chorava. Nossa, ele fazia tudo! E nós ria, ria. Até a pequeninha, a menorzinha, nós dormia tudo ali ouvindo as histórias dele, ouvindo as histórias, nós dormia. A pequeninha, a minha irmã pequeninha daquela época, aí ela falava “papai”, ela não sabia falar “conta história”, ela dizia “conta totó”. (Dona Conceição).

E disse saudosa dos tempos: “Foi muito boa a minha infância, fui muito criança”.(Dona Conceição).

Sr. Emílio lembrou que andava de tamanquinhos porque não existiam sandálias Havaianas:

Naquele tempo não tinha sandália Havaiana, tinham os tamancos construídos pelas indústrias locais, tamancos, eu sou da época do tamanco. [...] Nós os barranqueiros é que usávamos tamancos feito de manque que é uma madeira produzida aqui no vale do São Francisco. E eu passava com meu tamanco de madeira estridente – naquele tempo também o papel era muito amarelinho-, eu passava com o caderninho amarelo na mão, arrastando aquele tamanquinho[...]. (Sr. Emílio).

Com o tempo, as mudanças foram ocorrendo na região e as criaturas que habitavam o rio no imaginário popular foram sendo esquecidas e desaparecendo, como conta o Sr. Gidu, um senhor com 93 anos na época da entrevista, nascido em Manga, em 1915, trabalhou como vendedor de lenha, pescador, vaqueiro, agricultor, foi delegado, juiz de paz, vereador, e vivia com a família em Matias Cardoso, Minas Gerais.

Naquele tempo tinha Bicho d'água, Caboclo d'água, Mãe d'água. Eu nunca vi, não, mas meu pai já viu Mãe d'água – daqui pra riba era mulher, pra baixo era dourado. Agora, Caboclo d'água eu já vi. Era pequeno assim, pretinho. Esse eu já vi, morava aqui dentro do rio. Hoje acabou, não tem mais.(...) Aqui tem uma lagoa da lavagem, quando o rio enche aqui, ela enche lá. Mas essa lagoa aí, se você chegar na beira dela e não benzesse (faz o sinal da cruz), ela (Mãe d'água) não deixava você atravessar. Mas tinha tudo quanto bicho d'água. Hoje acabou tudo. (Sr. Gidu).

Dona Pidu, que vivia próxima do Sr. Gidu, em Matias Cardoso, contou com certo lamento as mudanças na festa do Divino:

[...]a festa do Divino, era a festa mais apreciada. (...) Sei contar tudo. Era uma festa muito animada. Aí foi indo, foi acabando, diminuindo tudo, né. Os velhosfoi acabando... Até os modos do sino da igreja aqui está tudo diferente. Mudou tudo. Pois, é, era uma festa muito bonita, muito animada. Hoje a gente não está nem sabendo quem é o festeiro. Este ano foi difícil. Aí, eu fui, procurei: “gente, quem é de São Benedito?” “Não sei”. “E o Imperador, quem é?” [...]Eu fiquei com o dinheiro de São Benedito, nunca apareceu ninguém pra pegar. Pois é, minha gente, então, aqui é assim. E tinha muita gente, mas agora, os mais velhos mesmo, os velhos mesmo, como diz o povo, os troco daqui, acabou tudo. [...] estão devagar parecendo um bocado de carneiro velho e se nós tudo saísse pra andar era assim que nem uns carneiro velho. Mas agora os novos, as coisa está tudo diferente pra nós, pra mim, tudo diferente. [...] Não é? Pois é. E hoje não, mudou muito. (Dona Pidu).

O progresso e a degradação do rio

Segundo os ribeirinhos, o desaparecimento dos vapores está diretamente associado à degradação do rio, sem condições de navegabilidade.

Aí depois, com o tempo, foram desmatando, a água foi descendo, o rio São Francisco não suportou mais os vapor andar, porque ele secou, ficou muito seco – porque para andar com o vapor tem que ter muita água e as águas foram abaixando. Isso foi a culpa do homem mesmo. (Dona Conceição).

Mudou demais. Lá na minha fazenda, lá o rio era noventa metros de fundura. Hoje está raso. (...) Vai caindo as barreiras, vai aterrando tudo. Mas o rio acabou, acabou, está raso demais. O vapor não anda mais, não pode mais andar. Banco de areia, acabou tudo. Teve um ano aqui que nego atravessa de pé, de um lado para o outro. Dava água até o peito. (Sr. Gidu).

E hoje, a mata nossa está acabando, está virando cerrado e daqui um tempo vai virar dunas. Dunas, porque está desmatando. Você conta aí, todo dia, dez caminhões cheio de carvão, de saco de carvão levando para Minas Gerais. (...) E o calor vai aumentar – nós sofremos aqui, esse ano mesmo, um calor de quarenta e dois graus que nunca teve; não chegava a trinta e nove, quarenta, e depois um dia e voltava. E agora nós chegamos a quarenta e dois graus! Se você entrar aí, na mata, eu falo nos meus livros, acabou a mata, e acabou os animais sua fauna. Não tem mais fauna; se você procura um tatu, um tatu-bola, um tatu verdadeiro, a ema, a seriema, o teú, o veado, a onça pintada, a onça suçuarana, a capivara, tudo isso nós tínhamos aqui de riqueza. Você procura e não existe mais. (pausa). Não existe mais. E o que acontece? Todo esse desmatamento o rio vai sofrer porque o rio precisa de seu lençol de água que é colocado pelos rios, os seus afluentes – os afluentes estão secando! Em Correntina, perto daqui, que era do município de Carinhanha, sete rios já desapareceram! E o povo fica assim, falando do rio São Francisco, mas esquece dos seus afluentes que sustentam o seu lençol e sua bacia, entendeu? Então, eu estou vendo um perigo aí e ainda fala em transposição desse rio? (...) E o rio continua aí, seco. Agora que você está vindo nas águas, ele está cheio, mas tem vez que você atravessa de a pé para o outro, não precisa nem canoa, mais. E por isso os vapores não funcionaram mais, não viajaram mais porque não tem onde passar. As lanchas de carranca, né, a sua proa era a carranca, acabaram. (Prof. Honorato).

Mudou, inegavelmente, mudou. O rio está muito assoreado, os bancos mais próximos dos outros e não está tendo aquela manutenção. [...] E pontos de pouca profundidade. Muitas vezes aconteceu de, nesse trecho aqui até determinado lugar, a gente teria que fazer para desencilhar o vapor, nessa época não tinha o empurrador, e encalhava e a gente passava dois ou três dias a fazer cerca no meio do rio para canalizar água e às vezes, se necessário, descarregar a embarcação através de um barco, de uma margem para outra para poder transpor o trecho. (Sr. Cassiano).

A construção das barragens também comprometeu a navegabilidade do rio São Francisco, como recordaram o Sr. Emílio e o comandante Cassiano.

Fui em 76 para a Amazônia e retornei em 86. Nesse período de dez anos já houve um grande assoreamento no rio São Francisco. Quer dizer, com a construção das barragens – Pandeiros, em 59-60, Barragem de Três Marias – houve a retenção das águas e o fluir naturalmente das águas deixou de acontecer. Então quando retornei, não tinha mais os vapores. Encontrei o rio sem vapores, o rio assoreado. (Sr. Emílio).

[...] os vapores, a partir da barragem de Sobradinho, em 1972, foram desativando aos poucos, como também deixaram de navegar até Juazeiro, só até Sento Sé porque, para transpor o lago, era difícil onde não tinha condição, não tem estabilidade para navegar no lago. Algumas vezes que chegaram até o porto de Juazeiro foi rebocado e navegando pela costa para evitar as ondas, porque as ondas, quando o vento está forte, atingem mais de dois metros. Então ficou a navegação a vapor, de transporte de passageiro, até Sento Sé. E foi pela evolução do tempo, diminuindo o transporte de passageiros e passou a ser mais é de carga

e ficou sendo ativado através dos empurradores. E nesse período, foram também desativando os vapores e vendendo para, não sei qual destino, se foram vendidos, aqui para ser, na região, para lancha de travessia, outros, talvez como ferro velho.[...]Mas atualmente está desativado porque a navegação, desde 2000 para cá, no trecho de Ibotirama a Pirapora, foi desativada. Ficaram somente os empurradores navegando de Ibotirama a Juazeiro em transporte de grãos, etc. e outras mercadorias. (Sr. Cassiano).

E aí desapareceram os vapores. (Professor Honorato).

Algumas considerações sobre o uso do vídeo em pesquisa

As possibilidades dos usos dos recursos visuais nas pesquisas em ciências sociais e humanas são diversas em função dos temas e objetos de investigação, das abordagens teóricas e metodológicas (KOHATSU, 2007; 2017), mas, sem dúvida alguma, a relação que se estabelece entre o pesquisador e seus colaboradores é o aspecto mais importante da produção visual. Para além de um olhar que privilegia a perspectiva do estrangeiro sobre o grupo filmado ou o olhar de dentro na produção feita por membros da própria comunidade, o olhar compartilhado (*anthropologie partagée*) proposto por Jean Rouch em sua antropologia fílmica se apresenta como uma interessante perspectiva para a produção resultante do encontro entre o pesquisador-cineasta e seus colaboradores (FREIRE, 2007).

O vídeo documentário produzido por Bela Feldman-Bianco intitulado “Saudade” (FELDMAN-BIANCO, 1991) e o texto “Re(Construindo) a saudade portuguesa em vídeo: histórias orais, artefatos visuais e a tradução de códigos culturais na pesquisa etnográfica” (FELDMAN-BIANCO, 1998) servem não apenas como uma excelente referência metodológica para pesquisas com recursos visuais, mas, especialmente, como inspiração para reflexão desta pesquisa com os ribeirinhos do São Francisco.

No referido texto, a autora propõe refletir criticamente sobre a relevância da documentação visual como parte constitutiva da pesquisa etnográfica e sobre as relações existentes entre o texto etnográfico escrito e a etnografia visual, ambas produzidas na pesquisa etno-histórica e de coleta de histórias orais. E ainda, considerando que tanto a história oral quanto o uso de vídeo em pesquisa redefinem a relação entre pesquisador e pesquisado, a autora discute a questão da objetividade versus subjetividade.

A pesquisa e o vídeo documentário de Feldman-Bianco foram produzidos junto à comunidade de imigrantes portugueses de New Bedford, cidade industrial multiétnica da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos. Em sua vivência entre os portugueses, a pesquisadora se

surpreende com a existência de múltiplas camadas de tempo e espaço contrastantes. Mesmo vivendo e trabalhando em uma cidade industrial e tendo que se ajustar aos tempos e ritmos do novo modo de vida, os imigrantes portugueses, agricultores e artesãos na terra natal, preservaram, no tempo livre, hábitos e costumes originários das pequenas cidades e aldeias de origem, como o cultivo de hortas, fabricação do vinho e as festas folclóricas como formas de ritualizar as memórias de Portugal. Segundo a pesquisadora, tais práticas que reproduzem tempos e espaços vividos antes da migração poderiam ser interpretados como mera nostalgia, entretanto, essa (re)construção com sobreposições de significados e valores culturais muitas vezes em conflito, refletem o modo como os migrantes percebem e confrontam mudanças dramáticas nas suas condições de existência (FELDMAN-BIANCO, 1998, p. 291). Desse modo, paradoxalmente, “ao (re)construir seu mundo cultural anterior à emigração, esses imigrantes resistem e, ao mesmo tempo, adaptam-se ao tempo industrial” (FELDMAN-BIANCO, 1998, p. 299).

Além das reflexões sobre as experiências e memórias dos imigrantes portugueses, Feldman-Bianco (1998) compartilha os desafios enfrentados no processo de produção audiovisual, como editar 80 horas de gravação para se tornar um documentário de 58 minutos, sem seguir um roteiro pré-estabelecido, mas optando por deixar que este emergisse do material gravado. E no processo de edição precisou lidar com a tensão entre a pesquisa etnográfica dirigida à coleta de dados em profundidade, com a gravação de histórias orais extensas, e a concisão da linguagem visual, que teve de ser aprendida.

Após essa experiência, pude avaliar a ênfase demasiada que dei às narrativas verbais durante as filmagens, em detrimento da linguagem visual, e, por conseguinte, a necessidade do antropólogo estudar os princípios da arte cinematográfica a fim de poder, efetivamente, comunicar por meio do filme (ou do vídeo) a compreensão etnográfica à sua audiência. (FELDMAN-BIANCO, 1998, p. 298).

Embora a pesquisa e o documentário realizados por Bela Feldman-Bianco sejam distintos no que se refere à temática abordada, aos participantes e aos procedimentos metodológicos, há aspectos da experiência da antropóloga que contribuem para a reflexão da pesquisa sobre as memórias dos ribeirinhos do São Francisco.

Em relação à temática, na pesquisa realizada junto aos ribeirinhos do São Francisco não se discutem os conflitos decorrentes da imigração, mas aborda, em alguma medida, o sentimento de desterro, deslocamento e estranhamento de pessoas que vivenciaram mudanças mesmo vivendo há anos no mesmo local. No caso dos ribeirinhos, não se trata de adaptação às mudanças

provocadas por deslocamentos geográficos, mas decorrentes de transformações da paisagem habitada ao longo do tempo. Nesse sentido, tanto os imigrantes portugueses como os velhos ribeirinhos têm a memória como refúgio de um tempo e espaço que não existem mais ou estão em vias de desaparecimento.

Os ribeirinhos preservam na memória o tempo das cidades iluminadas com os lampiões a gás, a época em que se escutava o rangido dos carros de boi, o barulho dos cascos dos burros das tropas, os cheiros das mercadorias trazidas aos mercados, os apitos dos vapores aportando no cais e também da agitação provocada pela chegada dos Sedans, das fubicas e dos caminhões.

Na memória guardam lembranças das brincadeiras e das histórias ouvidas na infância, das festas, mas também das dificuldades vividas, como o Sr. Cassiano que veio para Minas Gerais com dezesseis anos, Dona Lourdes que saiu da Bahia perseguida pelo regime militar, Sr. Emílio que foi para Rondônia e contraiu malária, Dona Conceição que foi trabalhar em São Paulo e o Professor Honorato que tentou a sorte como cantor em Belo Horizonte, mas retornou para Carinhanha.

Assim como a saudade emergiu como elemento recorrente nos depoimentos dos imigrantes portugueses, os vapores foram lembrados pelos ribeirinhos como um ícone do tempo passado, que corre o risco de desaparecer da memória se não houver mais narradores para lembrar e contar essas histórias.

Recordar o passado pode parecer uma atitude saudosista, nostálgica e até melancólica, como uma tentativa de evasão de um tempo presente esvaziado e empobrecido de significados. Mas o olhar retrospectivo para a história se torna uma tarefa necessária quando o presente e o futuro estão ameaçados e se torna urgente interromper a marcha acelerada em direção à catástrofe iminente, já em curso, como o *Angelus Novus*, de Paul Klee;

O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso. (BENJAMIN, 1994/1940, p. 226).

Os velhos ribeirinhos, os narradores do rio São Francisco e suas histórias, dão o sinal de alerta, disparam o alarme de incêndio e avisam sobre o perigo da extinção. Nesse cenário desolador, desapareceram os vapores e aos poucos vão desaparecendo os narradores que

testemunharam o tempo da navegação. Como escreveu Benjamin (1994/1940), as centelhas da esperança residem no passado e nele a promessa da redenção. As histórias e a sabedoria dos velhos narradores, como um verdadeiro e inestimável patrimônio cultural, precisam ser preservadas na memória dos ribeirinhos para que a promessa de salvação do São Francisco não seja esquecida.



Fonte: Arquivo do pesquisador
FOTO 5
Rio São Francisco. Barra/BA. Foto: Lineu Kohatsu, 2010.

Referências

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994/1940. p. 222-232. (Coleção Obras Escolhidas, v. 1).

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994/1933. p. 114-119. (Coleção Obras Escolhidas, v. 1).

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994/1936. p. 197-221. (Coleção Obras Escolhidas, v. 1).

BRASIL. *Bacia do São Francisco*. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/conversaodemultas/sao-francisco.html>>. Acesso em: 17 fev. 2023.

COELHO, Marco Antônio T. *Os descaminhos do São Francisco*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

DANTAS, Audálio; SOLARI, Jean; et alli. O país do São Francisco. *Revista Realidade*, São Paulo, Editora Abril, p. 34-102, mar. 1972.

FELDMAN-BIANCO, Bela. *Saudade*. 1991. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tNbqoZYmsoA>>. Acesso em: 17 fev. 2023.

FELDMAN-BIANCO, Bela. (Re)construindo a saudade portuguesa em vídeo: histórias orais, artefatos visuais e a tradução de códigos culturais na pesquisa etnográfica. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Míriam L. M. (Orgs.). *Desafios da imagem. Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papyrus, 1998. p. 289-303.

FREIRE, Marcius. Relação, encontro e reciprocidade: algumas reflexões sobre a ética no cinema documentário contemporâneo. *Revista Galáxia*, São Paulo, v.7, n.14, p.13-28, dez. 2007. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1484/955>>. Acesso em: 02 fev. 2009.

GONÇALVES, Adelaide. (Org.). *A vida por um rio. Frente Cearense por uma nova Cultura de Águas e Contra a Transposição das Águas do Rio São Francisco*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2008.

KOHATSU, Lineu N. O uso do vídeo na pesquisa de tipo etnográfico: uma discussão sobre o método. *Psicologia da Educação*, São Paulo, n. 25, pp. 55-74, 2º sem. 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n25/v25a04.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2023.

KOHATSU, Lineu N. Notas sobre o uso de imagens visuais nas pesquisas em Psicologia. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v.8 n.1, p. 23-36, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/13953>>. Acesso em: 17 fev. 2023.

LETRAS AMBIENTAIS. *Seca se expandiu pela bacia do São Francisco nas últimas décadas*. 2021. Disponível em: <<https://www.letrasambientais.org.br/posts/seca-se-expandiu-pela-bacia-do-sao-francisco-nas-ultimas-decadas>>. Acesso em: 15 fev. 2023.

MACIEL, Lucas V. de C. Diferenças entre dialogismo e polifonia. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 580-601, 2016. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/issue/viewFile/508/pdf_4>. Acesso em: 15 fev. 2023.

PIRES, Vera L.; KNOLL, Graziela F.; CABRAL, Éderson. Dialogismo e polifonia: dos conceitos à análise de um artigo de opinião. *Letras de Hoje*, [S. l.], v. 51, n. 1, p. 119–126, 2016. DOI: 10.15448/1984-7726.2016.1.21707. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/21707>>. Acesso em: 15 fev. 2023.

RECHDAN, Maria Letícia de A. Dialogismo ou Polifonia? *Revista de Ciências Humanas*, v. 9, n. 1, p. 45-54. Taubaté: Unitau, 2003. Disponível em: <www.ufrgs.br/soft-livre-edu/polifonia/files/2009/11/dialogismo-N1-2003.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2023.

RIBEIRO Jr., Carlos E. *Terra roubada. Documentário de uma tragédia*. 2020. Disponível em: <<https://canoadetolda.org.br/sobradinho/2020/09/11/terra-roubada/>>. Acesso em: 15 fev.2023.

ZINCLAR, João. *O rio São Francisco e as águas no sertão*. Campinas: Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região / Chris Garcia Design / Silvamarts Editora, 2010.